



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

ANTONIO LITELTON DOS SANTOS FIRMIANO

MEMORIAL DO PROCESSO DE ESCRITA
DO ROTEIRO DO LONGA-METRAGEM “O LUGAR”

FORTALEZA

2023

ANTONIO LITELTON DOS SANTOS FIRMIANO

MEMORIAL DO PROCESSO DE ESCRITA
DO ROTEIRO DO LONGA-METRAGEM “O LUGAR”

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Cinema e Audiovisual
do Instituto de Cultura e Arte da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Cinema e
Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Diego Hoefel de
Vasconcellos

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F557 Firmiano, Antonio Litelton dos Santos.

Memorial do processo de escrita do roteiro do longa-metragem "O Lugar" / Antonio Litelton dos Santos Firmiano. – 2023.

52 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Diego Hoefel de Vasconcellos.

1. Memorial. 2. Roteiro audiovisual. 3. Longa metragem. I. Título.

CDD 791.4

ANTONIO LITELTON DOS SANTOS FIRMIANO

MEMORIAL DO PROCESSO DE ESCRITA
DO ROTEIRO DO LONGA-METRAGEM “O LUGAR”

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Cinema e Audiovisual
do Instituto de Cultura e Arte da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Cinema e
Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Diego Hoefel de
Vasconcellos

Aprovado em 15/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Diego Hoefel de Vasconcellos (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Marcelo Dídimo Souza Vieira

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ma. Natália Mendes Maia

Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

O presente memorial tem como objetivo apresentar o processo da escrita do primeiro tratamento do roteiro do longa-metragem “O Lugar” abordando os desafios e as dificuldades do processo desde a ideia inicial, passando pela pesquisa, que inclui entrevistas realizadas com pessoas que poderiam enriquecer o longa-metragem e uma pesquisa iconográfica com visitas a sítios de café e a vilarejos no interior do Ceará, e finalizando com o processo de escrita em si, abordando as etapas da escrita de um roteiro audiovisual e os elementos de estudos consultados para essa etapa, principalmente o Sequence Approach e a estrutura de beats de um roteiro. Também pretende-se falar sobre as mudanças necessárias para a história ser composta e as dificuldades de lidar com a própria estrutura de um roteiro audiovisual. Ao final, pretende-se fazer uma reflexão sobre o que ainda pode ser feito pela história de “O Lugar” e como levar o roteiro adiante.

Palavras-chave: memorial, roteiro audiovisual, longa-metragem

ABSTRACT

This memorial presents the process of writing the first draft of the screenplay for the movie “O Lugar”, discussing the challenges and difficulties of the process from the initial idea, the searching and researching, which includes interviews with people who could enrich the movie, the study of na iconographic with visits to coffee farms and villages in the interior of Ceará, and concluding with the screenwriting process itself, covering the stages of writing a screenplay and the elements of studies consulted for this stage, mainly the Sequence Approach and the beat structure of a screenplay. It is also intended to discuss about the changes necessary for the story and the difficulties with the structure of an screenplay. In the end, it intends to reflect on what can still be done for the story of “O Lugar” and how to take the screenplay forward.

Keywords: memorial, screenplay, feature film

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Igreja de Monte Alvernes.....	26
Figura 2 - Estrada de terra que liga Monte Alvernes a CE – 341	26
Figura 3 - Igreja e estrada em Mucambo	27
Figura 4 - Caieira de carvão	28
Figura 5 - Jesus Cristo iluminado no Mosteiro de Baturité.....	38
Figura 6 - Momento religioso no Mosteiro de Baturité.....	39
Figura 7 - Matagal ao redor do sítio	42
Figura 8 - Print da escaleta	43
Figura 9 - Print da beatsheet.....	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. IDEIAS INICIAIS	17
3. PESQUISA	22
4. ESCRITA DO ROTEIRO	42
5. CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

Este memorial visa apresentar o caminho percorrido durante a escrita do longa-metragem “O Lugar” e os principais desafios enfrentados no processo. Além disso, tem como um dos objetivos fazer um registro escrito de todo esse caminho buscando refletir sobre as etapas de escrita, as decisões tomadas por mim e pela equipe e as influências que o processo de pesquisa para um roteiro gera na escrita do próprio roteiro.

De início, resumo a história do filme focando nas viradas de tramas, na descrição dos personagens e das relações estabelecidas entre elas. Em um segundo momento, abordo como a questão do gênero cinematográfico foi um ponto chave para definir parte do tom da história.

A seguir, exploro as ideias iniciais do projeto, como ele surgiu, as principais referências para formação da ideia inicial e como elas se juntaram em uma ideia que gerou o filme como ele está funcionando agora.

Logo após, faço uma explanação da etapa de pesquisa, que começou com foco na imagem que pretendia passar do vilarejo onde a história se localiza, depois para uma conversa com perfis de pessoas que pudessem se encaixar no tipo que, nesse Brasil fictício proposto pela história, moraria em um dos vilarejos. Ademais, mostro como uma parte da pesquisa influenciou na construção de mundo do vilarejo.

Por fim, falo do processo de escrita do roteiro, as dificuldades com a linguagem usada para cada documento de roteiro: argumento, escaleta e *master scenes*. Nessa etapa do memorial, pondero como algumas questões surgiram sobre a trama e o enredo e como elas foram mudadas e escolhidas em detrimento de outras.

Na conclusão, abordo como o que eu aprendi durante a escrita de um longa-metragem pode influenciar projetos futuros e o que pretendo fazer com o que aprendi durante esse ano possa melhorar o próprio projeto “O Lugar”, já que ele está em seu primeiro tratamento.

O resgate do processo de escrita do longa-metragem “O Lugar” parte dos registros de áudio, foto e vídeo arquivados por mim e pela equipe ao longo do ano de 2023.

APRESENTANDO O PROJETO

RESUMO

O filme começa com DANIEL (25) acordando em um vilarejo desconhecido. Logo ao chegar, percebe que não tem memórias, nem mesmo do seu nome, e passa a se chamar Daniel por causa de uma identificação bordada em seu uniforme – uma vestimenta padrão que todos vestem no vilarejo, exceto ESTER (50), uma espécie de líder local.

Daniel passa a viver em uma pousada com outros jovens e se aproxima deles, em especial de BÁRBARA (27), em um primeiro momento. Logo ele descobre que os moradores também não lembram de suas vidas passadas e que estão ali querendo alcançar o Paraíso — dito, quase como forma de lenda, entre os moradores como um “lugar melhor”, sem pecados. Entretanto, como é bem demarcado, ninguém foi ao Paraíso e voltou para contar como é.

Nos primeiros dias nesse vilarejo estranho, Daniel aprende uma série de regras.

1 – Ele precisa exercer um trabalho no cafezal para, assim, receber um vale que funciona como dinheiro. Esse dinheiro pode ser trocado por serviços entre os moradores e é dado para Ester, garantindo que ela envie comida para o morador.

2 – Ele precisa participar dos eventos religiosos do vilarejo. Ir ao evento de Seleção no qual Ester chama pessoas “eleitas” para ir ao Paraíso. E participar das missas aos domingos. Fora isso, todo o vilarejo é voltado para seguir as regras bíblicas de um teor fortemente cristão.

3 – Ele não pode tocar ou conversar com LUCAS (25), um rapaz que mora em um celeiro e que sofre ostracismo daquele vilarejo. Dizem que ele cometeu um pecado tão forte que pode respingar em quem entre em contato com ele. Embora permaneça afastado, Lucas também causa um fascínio imediato em Daniel.

De início, ele estranha as regras, como a todo lugar. Entretanto, em pouco tempo ele descobre o que acontece com quem não segue tais regras: é morto por um atirador mascarado após o culto de domingo.

Daniel descobre o Atirador após presenciar RITA (27) e Bárbara trocando beijos na madrugada. Ao ver o desespero das mulheres, ele entende que não deve contar a ninguém o que viu. Porém, no dia seguinte Bárbara é morta na frente de todo o vilarejo.

Daniel grita por socorro e não entende por que ninguém ajuda Bárbara ou reage a sua morte. O que dizem é que “se ela morreu, é porque ela pecou e o pecado precisa ser cortado pela Raíz”. Depois de presenciar a morte de Bárbara, Daniel tenta fugir pela estrada e acaba encontrando uma barreira que o impede de continuar. Ele até tenta escalar, mas uma luz forte o cega momentaneamente e ele cai, acordando, outra vez, na pousada.

É quando ele passa a acreditar que uma força divina o impede de fugir.

Na pousada, ele se aproxima dos rapazes, já que os serviços são demarcados por gênero, em especial de MATEUS (27), que tenta obedecer a todas as regras e é o que mais deseja chegar ao Paraíso dentre os habitantes da pousada.

Daniel é obrigado a trabalhar no celeiro, pois é o trabalho que todo novato deve exercer. É uma regra imposta por Ester: trabalhar no celeiro é a primeira penitência para limpar a alma. Conviver com Lucas não é fácil. O rapaz tenta conversar com Daniel, mas sempre é ignorado. Entretanto, Daniel ainda se sente atraído e fascinado pela força que Lucas exerce nele e no vilarejo.

Enquanto trabalha no celeiro, Daniel tenta se encaixar naquele modelo de sociedade: faz as orações, obedece aos horários, participa do coral e de atividades religiosas. Porém, sua pulsão de fugir dali é forte. Ele entende que para sair do vilarejo, uma das formas é casando-se com alguma mulher. Se sentindo culpado pela morte de Bárbara, ele convida Rita para ser sua esposa. É o modelo aceito pelo vilarejo e foi uma ideia proposta por Bárbara a ele antes de falecer.

Certo dia, Lucas consegue convencer Daniel a ir com ele até um ponto na mata que circunda o vilarejo. Lá, ele mostra um carro que pode ser usado para uma fuga. Daniel tenta negar essa possibilidade por ter medo de Deus, pois “Deus tudo ouve e está em todos os lugares”. A onipresença divina é um fator constante de medo para Daniel. Porém, esse ato de seguir Lucas uma vez, o faz ceder um pouco a esse fascínio. Em outro dia, Daniel vai para o trabalho mais cedo e encontra Lucas tomando banho. Ele foge, a princípio com medo do próprio desejo. Depois, se entrega a ele e se masturba pensando em Lucas. Mateus o flagra pela janela e quando Daniel percebe, se desespera. Tentando fechar a janela e descobrir quem o viu, Daniel derruba um aparelho de rádio que fica em todos os quartos e descobre que dentro dele está uma câmera.

Assim, Daniel percebe que, pelo menos naquele vilarejo, Deus não existe.

Ester aparenta saber que Daniel descobriu acerca dos rádios. Ela invade o quarto masculino para recuperar os cacos, nas reuniões de casamento faz perguntas sobre o que “Daniel viu” e diz ameaças veladas. Daniel tenta não a desafiar e desvia, por enquanto, das perguntas.

Daniel procura Lucas, pois ele se mostra um dos únicos que não se afeta pelas regras do vilarejo. Lucas conta sua história: ele fazia parte de outro lugar como aquele e fugiu. Porém, acabou acordando ali preso novamente. Ele não sabe por qual motivo não foi morto até então. Daniel, ao sentir a confiança de Lucas, revela sobre as câmeras. Juntos, eles planejam uma forma de sair dali roubando o carro. Eles sabem que o carro volta aos sábados para a Seleção e sabem que Daniel pode morrer no domingo por ter descoberto as câmeras no rádio. Até lá, precisam do plano pronto.

Os dois rapazes se aproximam. De certa forma, redescobrem o que é o amor. São duas pessoas que não possuem memórias ou identidades e passam por uma redescoberta do que é a paixão. É a adolescência outra vez. A aproximação também é física. São toques, banhos de rios, dividem o mesmo cigarro. São como campos magnéticos. Enquanto se banham no rio, Mateus os vê.

Mateus vive um dilema entre se sentir atraído por Daniel e saber que o rapaz está cometendo uma transgressão. Ao ver Daniel tocando em alguém proibido, ele cede ao poder das regras do vilarejo e o expulsa da pousada. É sábado.

Daniel aproveita a situação para ir, com Lucas, até a barreira. Eles precisavam descobrir uma forma de passar por ela. Lá, veem um portão se abrindo para o carro com dois atiradores. São os dois que eles precisam enfrentar para roubar o carro. Agora, eles sabem por onde sair. Além disso, Daniel vê que a luz que o cegou dias antes é um farol. É a confirmação total de que todo o inimigo é humano. Entretanto, como passar pela barreira sem ser um dos atiradores? Voltando para o vilarejo, sabendo que o dia seguinte será de morte, Daniel e Lucas transam.

É na manhã de domingo que Daniel cria um plano.

Primeiro, ele chama Rita. Mateus vê a conversa dos dois e se irrita. Nesse momento, Daniel aproveita e pede a Mateus que ele deixe a porta da igreja aberta.

Chega a hora do culto de domingo. Daniel entra na igreja e distribui grãos de café para a comunidade. Ele conta a verdade. Todos ali estão presos a uma forma de trabalho

escravo produzindo café para os mais ricos. Ele também conta que não há Paraíso. Para provar, ele quebra o rádio na frente do altar. Nesse momento, um atirador entra na igreja.

Enquanto Daniel cria a distração na igreja, Lucas e Rita emboscam um dos atiradores (o outro estava na igreja pronto para matar Daniel). Eles pegam as chaves do atirador morto e levam o carro para frente da igreja. Ali, esperam por Daniel.

Na igreja, uma pequena confusão é criada. Daniel tenta escapar, mas é segurado por parte da comunidade. A outra parte ainda está em choque para fazer algo. Ester pedem que fechem a porta, mas Mateus, lembrando do que Daniel pediu e impressionado pela revelação, não deixa a porta fechar. A outra parte da comunidade reage e pretende atacar Ester. Daniel consegue fugir, junto com Mateus e outros integrantes da pousada.

O primeiro desafio foi vencido. Falta a barreira.

Quando o carro chega à barreira, o portão se abre. Do outro lado, encontram vários carros com outros atiradores. O grupo foge pela floresta e consegue revidar contra alguns dos atiradores, mas são muitos. Na fuga, acabam em uma ponte acima de um rio, encurralados. É o tudo ou não nada.

Todos pulam.

O grupo segue o curso do rio e encontra uma comunidade de fugitivos de vilarejos como aquele. A líder do lugar explica o que está acontecendo no Brasil.

Um grupo ultraconservador entrou no poder e aplicou a Teoria do Domínio no Brasil. Como reflexo disso, lugares foram criados para que pessoas, geralmente minorias sociais, passassem por um processo de conversão. No caso do vilarejo onde estavam, o objetivo é que o comportamento queer fosse reprimido e que eles só fossem aceitos na sociedade, outra vez, quando se comportassem de forma heteronormativa.

A líder dá a chance de eles morarem naquela nova comunidade e se refugassem ali, mas deixa em aberto a possibilidade de irem embora quando quisessem.

Por enquanto, Daniel escolhe ficar ali. Por enquanto, ele está feliz.

DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS:

DANIEL (25) – Pardo. Sem memórias, acorda em um vilarejo desconhecido. De início, é movido pela curiosidade: Onde está? Quem eles são? De início, apenas reage ao lugar por estar confuso, porém se sente desconfortável com o lugar e deseja não estar ali. Estão mortos? Aquele é o purgatório? Deus tudo observa? Daniel questiona como todos aceitam e se submetem a tantas coisas que lhe parecem estranhas: a perda de memórias, os extermínios feitos pelo atirador, o batismo, e mesmo o conceito de “Paraíso”. Ele começa a viver em uma pousada e se aproxima de Bárbara. Quando presencia o assassinato de Bárbara, percebe que corre risco de morrer caso continue no vilarejo. Tentando se manter vivo, primeiro tenta fugir: não consegue. Então, passa a querer fazer parte do vilarejo e seguir suas regras. Seu plano é usar um casamento para ganhar uma chance de ser o escolhido para sair do vilarejo. Entretanto, se sente atraído por Lucas, o rapaz com quem trabalha no celeiro e ganhou a alcunha de intocável. Quando descobre que não existe um Deus que vigia a todos do vilarejo e que, na verdade, estão sendo espionados, Daniel se aproxima de Lucas e, juntos, planejam sair do vilarejo. Afinal, Daniel percebe que continuar no vilarejo, vai acabar morrendo de qualquer jeito. Sua única opção para viver é fugir.

LUCAS (25) – Branco. Ele é um rapaz que vive isolado em um celeiro, sem direito a uma casa ou a morar na posada com os outros jovens. Todos que chegam ao vilarejo, trabalham primeiro com Lucas. Assim, Lucas conhece Daniel. No passado, ele vivia em outro vilarejo e conseguiu fugir, porém foi capturado pelo governo e transferido para outro vilarejo. Ele quer fugir outra vez e, ao longo do tempo, observou as entradas e saídas do vilarejo, quem entra e como. Quando Daniel foge, Lucas vê uma oportunidade de conseguir um aliado para tentar uma nova estratégia de fuga. Além disso, se sente atraído pelo rapaz. Lucas compartilha com Daniel o que aprendeu sobre a organização do vilarejo e os dois armam um plano: roubar o carro e dirigir pela estrada. Lucas funciona como um contraponto para tudo aquilo que o vilarejo prega: o proibido, o que não pode ser falado, o pecado. Ao final, dá-se a entender que ele é filho de um minerador que foi colocado na terapia de conversão por ser gay.

ESTER (50) – Branca. Líder do vilarejo. Ela conduz o vilarejo a mão de ferro e supervisiona se as pessoas estão seguindo as regras ou não. Ela exerce a função de pastora, passando a palavra de Deus, seus dogmas e doutrinas, em cultos e atividades pela cidade. Ela quer fazer com que todas as pessoas se convertam para a religião e, como fica claro apenas no final, passem por uma terapia de conversão para “curar” a homossexualidade. Quando Daniel descobre que todos estão sendo vigiados através dos rádios, Ester se aproxima de Daniel de forma ambígua: ela sabe ou não sabe que Daniel descobriu tudo? Ao final, Ester tenta usar a comunidade para atacar Daniel.

MATEUS (27) – Branco. Ele age como um líder dos moradores da pousada. Ele também lidera o coral. Ele quer seguir todas as regras que Ester impõe porque gosta de seguir o que é ordenado. Ele se sente atraído por Daniel, mas fica em dúvida se vai castigado por isso. Ele age como antagonista ao expulsar Daniel da pousada ao vê-lo com Lucas (e estar com Lucas é pecado). Mas, ao final, ele participa do plano de fuga de Daniel. Dá-se a entender que ele era um soldado ou militar por suas habilidades com as armas e sua postura durante a fuga.

RITA (27) – Negra. Uma das moradoras da pousada. Ela tem um relacionamento com Bárbara. Quando a namorada morre, Rita se fecha das pessoas e acredita que Daniel é o culpado pela morte por ter flagrado um beijo entre as duas. Como o plano de Daniel é parte de um plano de Bárbara, ela aceita casar com ele, já que pessoas casadas são eleitas para o Paraíso. Ao final, quando percebem que o casamento não vai funcionar, aceita fazer da fuga.

BÁRBARA (27) – Branca. Namorada de Rita. É a primeira a se aproximar de Daniel por entender que, se ele ainda não se envolveu com o vilarejo, facilmente pode ser convencido a fugir. Quando Daniel a flagra beijando Rita, ela se apressa a tentar fugir e oferece como saída um casamento armado. Essa ideia Daniel vai usar futuramente. Porém, Bárbara morre durante a culto de domingo.

JOÃO (24) – Negro. Vive na hospedaria. Apesar de seguir as regras do Lugar, é mais uma questão de sobrevivência e, vez ou outra, debocha ou faz alguma piada com as regras locais.

SARA (26) – Branca. Segue à risca as regras do lugar e possui certa obsessão submissa por Ester.

CARTA DE INTENÇÃO

Daniel acorda sem memórias em um vilarejo estranho. Aos poucos, descobre que os outros moradores também não têm lembranças e que estão ali para alcançarem o que acreditam ser o “Paraíso”. Esse desejo motiva a comunidade a seguir regras baseadas em doutrinas religiosas. Quem desobedece acaba morto por um atirador mascarado. Quando Daniel se vê ameaçado pelas regras do Lugar, podendo ele ser o próximo a morrer, ele se junta a Lucas, um rapaz por quem se sentiu atraído desde o primeiro momento, embora nunca tenha se aproximado porque Lucas era uma figura intocável e ostracizada pelas regras do vilarejo.

À primeira vista, a história parece se passar em um passado distante, sem tecnologias da contemporaneidade. Em seguida, podemos pensar, a partir das doutrinas religiosas que regem o vilarejo e do uniforme que todos vestem, blusas e calças cinzas iguais para todos, que eles estão em uma espécie de Purgatório limpando os pecados antes de alcançarem o Paraíso. Entretanto, o vilarejo faz parte de algo maior.

Daniel, nem ninguém do vilarejo, percebem que estão inseridos em um projeto de vigilância desenvolvido por um governo religioso e ultraconservador. Em um Brasil de um futuro próximo, ou que se aproxima, pessoas queers são colocadas em vigilância em um programa de conversão para curar a homossexualidade. Quem não se cura, é morto. Quem não segue as regras, é morto. Quem não consegue um casamento heteronormativo, é morto ou nunca alcançará o Paraíso. A história tem raízes nas políticas moralizantes do Brasil atual. A projeção é pessimista e distópica.

Não só no Brasil, mas também em países tão diversos quanto o Reino Unido, a Hungria, a Polônia e a Áustria, a agenda conservadora ganhou centralidade ao longo dos últimos anos e, muitas vezes, passou a pautar importantes debates públicos. Nesse contexto, as questões LGBTQIA+ e direitos recentemente conquistados a partir de uma luta histórica difícil, encontram forças contrárias que se alicerçam em preceitos religiosos para que esses direitos sejam retirados.

Em diálogo com esse cenário político, “O Lugar” propõe-se como uma distopia que busca especular o que poderia ocorrer caso nossa sociedade passasse a ter a religião como base de seu sistema social e também como preceito fundante de seu julgamento sobre as liberdades individuais. O relato é um misto entre o que hoje parece um pesadelo

para alguns e um sonho para outros. Uma distopia que, embora dialogue com a ficção científica, não se distancia do nosso presente, ou até do que pode ser nosso futuro. As terapias de conversão não são novidade e já acontecem em várias partes do mundo, incluindo em igrejas evangélicas brasileiras. O que filme se propõe a fazer, é mostrar uma perspectiva extrema dessas terapias de conversão a partir de uma pergunta: e se as terapias de conversão fossem uma política pública?

O filme dialoga com o que algumas lideranças religiosas chamam de teologia do domínio, uma teoria defendida atualmente em bancadas políticas. A lógica da teologia do domínio é a construção de um modelo de sociedade regida não pelos homens, mas pelas leis de Deus. Para isso, o poder da Igreja poderia (e para alguns inclusive *deveria*) se estender para além dos limites da prática religiosa, abarcando também a vida pessoal e profissional de seus fiéis. A teologia do domínio prevê que representantes cristãos ocupem posições de poder em várias esferas sociais, incluindo a presidência.

O vilarejo apresentado em “O Lugar” é uma espécie de projeto-modelo de uma convergência entre religião e governança. Lá, existe uma adesão coletiva às leis de Deus, o que cria uma sociedade à primeira vista utópica. No entanto, a manutenção das pressões sociais é mantida não somente pela vontade advinda da fé coletiva, mas também pelo extermínio sistemático de qualquer pessoa que apresente dissidência. Esse extermínio não somente é aceito, mas é também ritualizado, tornando-se uma espécie de liturgia local. Ali a regra é: alguns ascendem ao que acreditam ser o “Paraíso”, outros são assassinados por um atirador misterioso. Portanto, a “escolha” dos que permanecem no vilarejo entre submeter-se ou não às Leis Divinas não passa pelo livre arbítrio. Ela é uma questão de vida ou morte.

O problema se agrava porque essas leis demandam não somente que se evite alguns “pecados”, mas pressupõem também uma atuação ativa de integração de cada membro na comunidade. Ali, não basta ser um bom cristão, é fundamental também casar e constituir família para poder ir para o “Paraíso”. Daniel, quando acorda sem memórias nesse lugar desconhecido, ainda não percebe a violência dessa imposição heteronormativa. É somente quando conhece Lucas que ele vai aos poucos compreendendo o seu desencaixe.

Nesse sentido, o roteiro de “O Lugar” é também uma espécie de “coming of age” tardio. Como todos acordam sem memória quando chegam ao vilarejo, eles acabam por passar por uma fase de descoberta, ou melhor de redescoberta, que permite que formem novamente a sua personalidade. Os gostos pessoais, os temores e as atrações precisam ser experimentados mais uma vez. Daniel precisa errar para amadurecer.

Em um espaço limitado e com poucos habitantes, ele entende quem ele é e precisa se readequar aos limites do Lugar se quiser uma vaga no “Paraíso”. É nesse ponto da trama que nasce a discussão sobre querer se moldar segundo os costumes, seja por medo seja por necessidade, ou aceitar a própria dissidência e tentar agir a partir disso. Daniel primeiro busca o caminho mais fácil, passivamente; depois, refletindo o fim de sua jornada de amadurecimento, torna-se um sujeito ativo na busca de sua liberdade.

“O Lugar” é uma distopia que está na esquina da nossa atualidade. Acima de tudo, é uma história sobre um grupo marginalizado que luta para se manter vivo em meio a tradições opressoras; um grupo que não vai se cansar dessa luta. O filme levanta perguntas, para as quais não necessariamente trará respostas. As perguntas, esperamos, talvez gerem inconformismo. E, no fim de tudo, nos resta a dúvida se o Brasil seguirá o caminho desenhado pelo filme ou não. O futuro, agora, está mais incerto do que nunca.

GÊNERO NARRATIVO

Desde as ideias iniciais, o principal gênero almejado pelo filme seria a ficção científica. Seguindo o sistema de gênero proposto por McKee (2017), a ficção científica pode ser enquadrada em um supragênero, definido por ambientes, estilos de performance ou técnicas de filmagem que contêm uma variedade de gêneros autônomos.

McKee comenta que seu sistema de gênero e subgênero “evolui da prática, e não da teoria, e que muda de acordo com a diversidade de assuntos, ambientes, papéis, eventos e valores” (McKee, 2017, p.87). E diz que “convenções de gênero são ambientes, papéis, eventos e valores específicos que definem gêneros individuais e seus subgêneros. Cada gênero tem suas convenções únicas, mas em alguns deles, são relativamente simples e maleáveis (McKee, 2017, p.93). Pensando nisso, “O Lugar” tinha como objetivo usar algumas convenções de gênero da ficção científica ao mesmo tempo em que usava

convenções de outros gêneros, como o suspense. Nessa lógica, “O Lugar” se propõe a usar de uma ambientação comum a uma ficção científica, a distopia. Entretanto, só se revela como ficção científica a partir do momento em que as câmeras de vigilância surgem na história, no midpoint. Até então, a narrativa se apoia no mistério e no suspense.

Ainda sobre a ficção científica, McKee analisa que “em futuros hipotéticos que tipicamente são infernos tecnológicos de caos e tirania, o roteirista de ficção científica frequentemente junta o Épico Moderno do homem contra o estado à Ação/Aventura” (McKee, 2017, p.91). Apesar de em “O Lugar” não haver um sinal de um inferno tecnológico, a história trabalha com a temática da tirania de um governo pautado pela Teoria do Domínio contra minorias LGBTQIA+. Nessa visão, temos um homem gay contra a religião, que está enraizada no estado. Ademais, o protagonista, ao traçar um plano, conseguir aliados e inimigos, enfrentar o vilão e fugir, é uma clássica estrutura de uma história de aventura.

McKee (2017) também faz uma ressalva sobre tramas. Ele agrega uma lista de várias tramas, que se baseiam no arco do personagem e em suas transformações ao longo do enredo, dentro dos principais gêneros e subgêneros. Quanto à trama, podemos pensar “O Lugar” como uma trama de maturação. Segundo McKee (2017), a trama de maturação é a história sobre a vinda da idade. Daniel, quanto alguém sem identidade, passa por um processo de redescoberta durante o enredo. Embora ele já seja um jovem de aparente vinte e tantos anos, ele teve suas memórias apagadas. Portanto, ele não sabe quem é, não sabe sua orientação sexual, não sabe do que gosta, nem mesmo sabe se sabe nadar. Durante o filme, ele se redescobre como um ser humano com gostos próprios e identidade própria. É nesse ponto que ele percebe que não pode viver como ele mesmo dentro do vilarejo.

2. IDEIAS INICIAIS

Os primeiros vislumbres para o que seria “O Lugar” vieram na disciplina de “Oficina de Realização de Projetos em Cinema e Audiovisual II”, em 2021. A proposta da disciplina, à época ofertada pelo Professor Diego Hoefel, era fazer uma escaleta de um longa-metragem baseado na estrutura do *Sequence Approach*.

Segundo Gulino (2004), um filme é composto por oito sequências, geralmente de oito a quinze minutos cada, nas quais cada sequência possui um conflito e sua própria estrutura interna. Em outros termos, um filme seria composto por oito filmes curtos. Para Gulino (2004), transformar o filme em oito sequências ajuda a mitigar o conflito de forma que o segundo ato não se torne amorfo, ou seja, evitando que o segundo ato fique vazio de conflitos, ou que eles se resolvam rapidamente prejudicando o ritmo da história. Portanto, a proposta era dividir a história do que viria a ser “O Lugar” em oito pequenas histórias com oito conflitos, além do principal. De forma sucinta, temos:

ATO UM

Sequência A: abertura e apresentação dos personagens que culmina no incidente incitante.

Sequência B: protagonista reticente ao chamado para a aventura, termina no ponto de virada.

ATO DOIS

Sequência C: a aventura começa, apresentação dos aliados

Sequência D: movimento de pinça do inimigo, termina no midpoint

Sequência E: consequências do midpoint, sequência mais introspectiva do personagem, o inimigo faz outro movimento de pinça

Sequência F: preparação para um plano, protagonista se reergue, termina no segundo ponto de virada

ATO TRÊS

Sequência G: um clímax em que o protagonista enfrenta o vilão

Sequência H: uma volta para casa, resolução, às vezes há um novo obstáculo para ser superado (como o retorno do vilão)

TEMAS

Os primeiros contornos da história se distanciam bastante do resultado final. Anteriormente, durante a disciplina, o filme se chamava “Paraíso” e, embora ainda tivesse um protagonista chamado Daniel, sem memórias, acordando em um lugar estranho comandado por uma liderança religiosa, os temas eram outros.

Na primeira versão, o vilarejo existia como forma de punir pessoas que vieram do sistema penitenciário. Cada um cometera algum crime e precisava passar por uma espécie de punição e limpeza cristã para voltar à sociedade. A proposta era discutir o preconceito com pessoas oriundas do sistema penitenciário e como é difícil a reinserção social levando em consideração que o país, hoje em dia, tem políticos e cidadãos que repetem frases como “bandido bom é bandido morto”. Um elemento que sobreviveu até a versão atual é Lucas, o interesse ora sexual, ora romântico, de Daniel. Desde sempre, a história seguia personagens LGBTQIA+, aqui chamados de *queers*, e os alçava a posição de protagonismo.

A ideia do sistema penitenciário durou um bom tempo. Entretanto, caiu ao repensarmos os conceitos e temáticas do filme. Snyder apresenta o conceito de “Black Vet”, ou “Too Much Marzipan” como uma das “Leis Imutáveis da Física de um Roteiro”. Snyder diz que “o simples é melhor. Um conceito por vez. Você não pode digerir muita informação ou empilhar mais de uma. Se você fizer isso, ficará confuso” (Snyder, 2005, p.132, tradução nossa). O que Snyder explana é que incrementar mais de uma informação, ou temáticas, dentro da narrativa de um filme, pode dissolver a atenção do público e dissipar o poder da mensagem final. Focando em um tema, essa mensagem pode se tornar mais poderosa. Sendo nossos protagonistas, Daniel e Lucas, pessoas *queers*, a prisão onde eles estão seria para pessoas *queers*, não mais para criminosos em reabilitação. Isso é escrever para dentro. É evitar colocar “too much marzipan”. Ao focarmos, no roteiro, em uma espécie de programa governamental de reorientação sexual, o fato dos personagens serem *queers* ganha uma camada a mais, um grau de importância que antes poderia ficar disperso. Contudo, é importante ressaltar que para o governo desse Brasil distópico, ser uma pessoa *queer* já é considerado um crime.

As primeiras escaletas abraçavam mais o gênero da ação do que do mistério em si. A sequência de perseguição se estendia durante todo o terceiro ato e todos os moradores

do vilarejo se armavam contra Daniel e Lucas. Levando em consideração a estrutura e a dosagem de informações que o roteiro revela, as versões da disciplina e do roteiro atual se assemelham. As duas primeiras sequências são de apresentação com uma fuga no fim do primeiro ato. Há a revelação das câmeras no midpoint. Antes, as câmeras estariam em lâmpadas. Agora, nos rádios ligados. As sequências E e F são a formação de um plano de fuga. A sequência H é a sequência de revelação de onde eles estão e as razões de estarem presos ali. Essa estrutura se manteve porque dosava bem os níveis de informações, mudando apenas algumas das perguntas dramáticas envolvendo Daniel.

REFERÊNCIAS PARA O FILME

Quanto às referências para a história, as duas iniciais, pelo menos no quesito estrutura e distopia, estão o livro “Pines” de Blake Crouch, que se tornou uma série de TV criada por M. Night Shyamalan, e o filme *Seuls* (2017) de David Moreau.

Quanto a *Pines*: “O agente secreto americano Ethan Burke chega à cidade de Wayward Pines com a missão de descobrir o que ocorreu com dois de seus colegas, que sumiram sem deixar rastro. Mas, ao chegar, Burke se envolve em um violento acidente de carro e acorda, dias depois, em um hospital da cidade sem sua carteira, seu celular e a pasta que continha os papéis secretos que o levaram até a região. Sem nenhum documento que confirme sua identidade, o agente não convence os moradores da cidade de que é quem diz ser. Para piorar a situação, ele não consegue contatar sua mulher e filho. Rapidamente, Burke percebe que nem tudo é o que parece ser em Wayward Pines e que o cenário bucólico do lugar esconde algo sinistro” (Editora Planeta, 2015). O lugar bucólico e estranho, os moradores esquisitos e a reviravolta no final, são as principais fontes de inspiração para “O Lugar”. No final, Burke descobre que está no futuro porque o mundo acabou e as pessoas de Wayward Pines são seres humanos congelados pelo governo para tentar reaver a humanidade depois do apocalipse, incluindo o próprio Burke. Outro elemento presente em *Pines*, é que o protagonista não consegue sair dos limites da cidade. Algo sempre impede.

Já *Seuls* (2017) é uma adaptação da HQ homônima de Bruno Gazotti e Fabien Vehlmann. Segundo o Filmow, *Seuls* conta a história de “Cinco adolescentes acordam um dia e descobrem que estão sozinhos. Não apenas em suas casas, mas na cidade não

encontram ninguém. Até para proteção mútua, eles decidem ficar juntos”. O filme apresenta uma mistura de elementos de ficção científica e de fantasia mesclados em um suspense voltado para o público adolescente. O filme não deixa de ser um fruto tardio da onda de distopias adolescentes do começo dos anos 2010, mas apresenta conceitos interessantes. No filme, vemos drones que o perseguem fazendo o público pensar que estamos em uma ficção-científica. No terceiro ato, descobrimos que os adolescentes estão mortos e estão em uma espécie de céu ou purgatório e que o antagonista é uma espécie de Anjo de Deus.

Para falar do final de *Seuls*, ressalto que é uma interpretação própria. O elenco de *Seuls* é formado por pessoas de diversas etnias. Sendo um filme francês lançado em 2017, a escolha do elenco pode ter refletido a onda de racismo contra pessoas negras e de origem árabe na França. Alguns desses pontos são levantados, de forma superficial, mas ainda aparentes. No final do longa, os adolescentes se livram do “Anjo” e atravessam vales e montanha até chegar a um paraíso. Lá, encontram o Anjo em uma posição superior, como um Deus. Então, fica claro que, no mundo fantasioso e distópico de *Seuls*, Deus é fascista.

Partindo dessa premissa de um Deus fascista e de uma cidade estranha de onde não se pode sair, nasceu a espinha dorsal de “O Lugar”.

Outras inspirações cruzaram o roteiro durante o ano de escrita.

Boy Erased, de Garrard Conley, é um livro autobiográfico sobre um jovem gay que participa de uma terapia de conversão. Em “O Lugar”, eu achava importante que em algum momento houvesse uma cena de terapia de conversão. Uma que não fosse tão violenta de ser mostrada, mas que também não fosse algo que ficasse apenas no interdito.

Acerca do tempo das cenas, em conversas com o orientador, pensávamos em como trabalhar o personagem Daniel vivenciando os espaços do vilarejo e seu processo de redescoberta do corpo, dos desejos e do amor. Foi procurando essa experiência que *We are who we are* (2020), uma minissérie de Luca Guadagnino se tornou um objeto de estudo. O tempo passa de uma forma diferente na minissérie, mais devagar e mais interessante de acompanhar.

3. PESQUISA

A pesquisa para o projeto trabalhou em duas frentes: uma pesquisa iconográfica e uma pesquisa com entrevistas com pessoas que vivenciaram situações similares que os personagens poderiam enfrentar.

O processo de pesquisa buscava, de modo geral, coisas que ressoassem com a história que a ser contada com a possibilidade de encontrar novas histórias que seriam agregadas ao enredo.

Foi meu primeiro trabalho com uma pesquisa e tenho consciência, hoje, de que outras abordagens podem ser feitas e outros caminhos podem ser tomados. O que mais tocou em mim, nessa etapa atuando como pesquisador, foi o contato com outras pessoas e a conversa que tive com elas durante a fase de entrevista. Aqui uso o termo “entrevista”, porém o processo se assemelhava mais a um bate-papo entre duas pessoas sobre suas histórias de vida atravessadas pela igreja, em diferentes vertentes da religião cristã.

A TEOLOGIA DO DOMÍNIO

O processo de pesquisa, antes de entrar nas entrevistas e na pesquisa iconográfica, começou com leituras acerca da Teologia do Domínio.

Fui criado em um lar católico e vivenciei toda uma experiência católica até a crisma, sendo a crisma considerada a chave de confirmação de pertencimento à religião católica, portanto, quando o jovem decide se quer continuar como um católico ou não. Uma pequena parcela da minha família acabou seguindo as doutrinas evangélicas, o que fez com que eu acompanhasse essa parte da família em cultos e outros eventos evangélicos.

Por causa disso, tive contato com a Teologia do Domínio em cultos e outros eventos evangélicos desde criança, mesmo não sabendo, à época, do que se tratava. Ao criar o “O Lugar”, uma linha de atuação era pensar um Brasil onde a Teologia do Domínio já tivesse sido aplicada em sua completude.

Não é pertinente a esse trabalho apresentar estudos atuais acerca da Teologia do Domínio, portanto pretendo mostrar apenas os resultados da pesquisa que mais se encaixam com a temática do filme.

Segundo Pereira (2023, p. 150), a “Teologia do Domínio é uma expressão mais ampla e popular, usada tanto na mídia como nos grupos evangélicos estadunidenses [...]. O termo domínio deriva da interpretação particular de Gênesis 1.28 —“dominai a terra” —aplicando-a, não ao ser humano em geral, mas restritivamente aos cristãos, como os únicos capazes de cumprir tal mandato”. A Teologia do Domínio busca, então, reconstruir a sociedade, que estaria presa em uma degradação moral, segundo os valores cristãos. Para que essa reconstrução possa acontecer, os cristãos devem assumir posições de comando no mundo, como presidência, parlamentos, congressos, dentre outros.

Parte dos adeptos da Teologia do Domínio acreditam que os Dez Mandamentos devem ser o fundamento da Constituição do país. Além disso, Pereira (2023, p. 152) acrescenta “a doutrina dos sete montes, segundo a qual os cristãos devem assumir o domínio das áreas estratégicas da sociedade: família, religião, educação, mídia, lazer, negócios e governo. Essa doutrina é atribuída a Loren Cunningham, fundador da Jovens com Uma Missão (Jocum), e a Bill Bright, fundador da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, que alegam terem-na recebido em sonhos, simultaneamente, em 1975, julgando-a então como diretriz de Deus para os cristãos do mundo todo”.

Assim, “O Lugar” imagina um país já dominado por políticos, incluindo a presidência, que seguem a Teologia do Domínio. Esse país, um Brasil de um futuro próximo, estende tal forma de governo para todas as áreas ressaltadas na doutrina dos sete montes, focando, em termos de recorte do roteiro, no papel da família, no lazer, negócios e governo.

Como família, esse país quer formar famílias heteronormativas com foco na procriação. Por isso, as pessoas que moram nos vilarejos têm suas memórias apagadas para formar uma família do começo. O lazer nesse vilarejo é voltado para uma vivência cristã, tendo o coral do lugar como principal expoente de um lazer cristão.

Quanto aos negócios e ao governo, as fazendas de café são utilizadas como uma forma moderna de trabalho escravagista. Não faria sentido, do ponto de vista de um

governo teocrático, manter vilarejos apenas para uma terapia de reorientação sexual. Por isso, acrescenta-se um fator de produção nesses locais, nos quais produz-se matéria-prima para as pessoas fora dos vilarejos. Isso em nada se afasta dos conceitos da Teologia do Domínio, pois teóricos como Gary North (1942-2022) defendem formas de economia baseadas nas leis bíblicas que poderiam ser usadas por cristãos conservadores em todo o mundo e que, para tal economia acontecer, pobres e ricos devem existir. Logo mais, falarei com maior profundidade sobre o cafezal.

Teólogos como North defendem formas de pena capital ancoradas na Bíblia, como o apedrejamento, pois pedras são um material de fácil alcance e tem baixo custo para o Estado. Nas reuniões de orientação, discutimos que algumas formas de punição não caberiam ao filme, pois poderia sair do tom e ver corpos de pessoas queers sofrendo em tela talvez não fosse a posição política mais adequada, pois é algo já explorado pela mídia. Entretanto, fica como um material de pesquisa certo sadismo das punições capitais propostas pela Teologia do Domínio. Para o filme, preferi manter uma figura/carrasco como o Atirador que pune com um tiro aqueles que desobedecem às normas do vilarejo.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Uma parte da pesquisa foi buscar imagens de referências para o vilarejo onde se passaria o “O Lugar”. Algumas opções iniciais foram pensadas, embora mudassem ao longo do processo de escrita.

A primeira decisão foi buscar localidades do interior do Ceará que cresceram ao redor de uma igreja. Nessa etapa da pesquisa, o foco não era encontrar igrejas neopentecostais ou de outras doutrinas evangélicas. O interesse maior era visualizar o lugar em sua formação em um interior.

Em “O Lugar”, a igreja é o marco central do vilarejo. Há uma praça à frente e, logo após, uma mata. Levando em conta esse formato, busquei vilarejos já existentes que se organizavam dessa forma, orgânica ou não.

Outro interesse no interior do Estado é porque vilarejos como os que existiriam no Brasil fictício de “O Lugar” provavelmente se organizariam em interiores, localidades ou núcleos rurais como esses.

Os lugares escolhidos foram vilarejos rurais do município de Apuiarés, a 111 km de Fortaleza.

As localidades visitadas foram Monte Alvernes, Lajes, Mucambo, cruzando com Fazenda Barra Nova e Fazenda Extremas. Algumas dessas localidades não são encontradas no Google Maps, sendo conhecidas apenas por moradores da região, outro fator que despertou interesse no momento da pesquisa.

Cada um desses lugares tem uma particularidade, mas, de modo geral, se organizam de forma bastante similar listados a seguir.

- 1) São pequenos, podendo cruzar todo o vilarejo a pé em poucos minutos;
- 2) Há uma igreja bem localizada, seja no centro do vilarejo ou em alguma das entradas, sendo cada igreja o ponto de destaque;
- 3) Não possuem mais do que duas ou três ruas;
- 4) Uma longa estrada de terra liga um lugar a outro. Embora sejam “vizinhos”, cruzar essa longa estrada custa certo tempo;
- 5) Para se localizar geograficamente, os habitantes se referem à igreja, seja “estrada da igreja”, “do outro lado da igreja”, dentre outros;
- 6) Cada lugar tem uma festividade a um santo específico que abençoa o vilarejo.

Outras observações importantes:

As igrejas são cuidadas pelos próprios moradores.

Os padres, ou pastores, não moram nas localidades, mas em cidades maiores próximas.

A estrutura das igrejas é simples: duas fileiras de cadeira, uma nave única, uma porta de entrada. Às vezes, havia portas na lateral.

A estrutura dessas igrejas lembra bastante o pretendido pelo roteiro. Um lugar pequeno com uma capacidade que varia de trinta a cinquenta pessoas, como pretendido pelo roteiro.

Figura 1 - Igreja de Monte Alvernes



Fonte: autoria própria, 2023

Figura 2 - Estrada de terra que liga Monte Alvernes a CE – 341



Fonte: autoria própria, 2023

Figura 3 - Igreja e estrada em Mucambo



Fonte: autoria própria, 2023

Esses elementos foram incluídos na história, mesmo que tenham ganhado uma outra roupagem.

A igreja de “O Lugar” não é uma igreja católica. Então, figuras como santos, vitrais e sinos não existem. Porém, ainda é um lugar de culto organizado com bancos e com um caminho no meio. Isso permite brincar um pouco com a mistura dos ícones que formam o imaginário tanto católico quanto o evangélico. É quase uma união visual das duas vertentes, embora a evangélica seja mais reconhecível. Abre-se, assim, uma possibilidade de interpretação do que pode ter acontecido nesse Brasil distópico: são igrejas reaproveitadas? Teria o evangélico apropriado-se de lugares católicos agora que dominou todos os sete montes da sociedade? O que pode ter acontecido?

A estrada longa é um cenário que está sempre presente na história. É o caminho que leva ao desejado Paraíso, mas também não leva a lugar nenhum. Uma das perguntas no filme é o que há no final dessa estrada.

Quando visitei um desses lugares, havia pessoas armadas em varandas nas entradas de um sítio que fica na entrada de uma das localidades. A equipe e eu não nos aproximamos, mas é algo interessante de ser observado. Isso é, de certa forma, retomado pelo roteiro quando os personagens fogem e encontram uma linha de Atiradores esperando do outro lado da barreira.

Figura 4 - Caieira de carvão



Fonte: autoria própria, 2023

Uma das localidades tinha como atividade produzir carvão e vender para as cidades vizinhas. Foi nesse momento da pesquisa que percebi que o vilarejo do roteiro precisaria de uma atividade econômica para manter o lugar. Por um tempo, pensei na mesma caieira de carvão, porém nunca foi uma ideia que agradasse por completo. Somente com a entrada do café, que será explicado mais para frente, que a atividade econômica possível para o vilarejo apareceu.

CONVERSAS

Uma necessidade que surgiu para a pesquisa foi a de conversar com pessoas queers que cresceram com famílias cristãs radicais. O foco das conversas não era compartilhar experiências de homofobia, era entender essas famílias e como as pessoas se sentiram crescendo com elas, como foi o processo de descoberta sexual, se a família sabe ou não que é uma pessoa LGBTQIA+, dentre assuntos similares. Invariavelmente, experiências de homofobia surgiram nas conversas, em maior ou menor grau.

Também não fiz uma separação entre católicos e evangélicos. Acredito que as experiências se assimilem, como pude ver entre as conversas.

A maioria das conversas foi gravada em áudio. Para preservar a identidade dos envolvidos, todos serão citados por Perfil #1, Perfil #2, em diante.

Para o começo da pesquisa, procurei esses perfis entre conhecidos de amigos próximos e pessoas da igreja que frequentei na infância. Não quis em nenhum momento conversar com amigos. Deles, queria indicações de pessoas que conhecessem que viveram uma experiência similar ao que eu buscava. Acredito que a conversa fluiria melhor conversando com pessoas que não conheço. Entretanto, abri uma exceção. Todos com quem entrei em contato, exceto por uma pessoa, eu nunca conheci ou tive certo nível de amizade antes da entrevista.

Para construir os perfis, busquei uma variedade de pessoas em relação à sexualidade, gênero e orientação sexual. Devido ao tempo da pesquisa, acredito que poderia ter conversado com mais pessoas, embora a experiência tenha sido interessante e de grande aprendizado.

PERFIS

PERFIL #01 – pessoa não-binária, família metade evangélica, metade católica

Esse perfil começa dizendo que sua experiência na igreja foi tão traumática que nunca mais quer entrar em uma. Apesar da pouca idade, descreve algumas das violências que viveu. A começar pelas roupas, que preferia roupas femininas, embora fosse identificado como um garoto. Também em parte do relato tentou entrar para o coral infantil da igreja, mas se afastou porque cantava fino e pediam para cantar com voz “masculina”.

Do relato do Perfil #01, dois momentos chamam atenção.

O primeiro foi sua primeira experiência homoafetiva.

De família metade evangélica e metade católica, Perfil #01 acabou seguindo os passos ditos pela mãe e seguia com ela para cultos e eventos evangélicos. Em um desses cultos, conheceu e se aproximou do filho do pastor. Certa vez, próximo ao final de um culto, deu seu primeiro beijo nesse garoto.

O segundo momento foi em relação com a mãe. Essa parte da conversa não foi de toda gravada.

A convivência com a mãe nunca foi boa desde criança. Como era uma pessoa que visualmente mostrava sua identidade fugindo de padrões heteronormativos e de gênero, esse perfil nunca recebeu um apoio direto da mãe. Foram relatados momentos que sofreu violência física e psicológica.

Além de apanhar, a mãe desse perfil o prendia em casa, amarrava na cama, dopava, trancava a casa e levava a chave. Ela o afastava de qualquer amizade masculina que surgisse para evitar que fosse gay, mas também o afastava de amizades femininas para evitar que fosse induzido a vestir roupas de mulher ou que agisse como uma garota.

Todos os episódios de violência eram justificados não como punição, mas como ensinamento para não desviar dos desígnios divinos.

Esse perfil também era seguido fora de casa e tinha horários pré-determinados para sair e chegar em casa. Se demorasse um tempo a mais para chegar da escola, seria buscado pela mãe no colégio. Inclusive, no dia da gravação, precisamos interromper quando estava anoitecendo porque não podia chegar em casa após o sol se pôr. Ofereci carona para chegar mais rápido em casa, mas o Perfil não podia ser visto chegando em casa com um homem. Por isso, parte do relato não foi gravado.

Além de controlar os horários e as amizades, a mãe também queria tirá-lo da escola por achar que estava ensinando “coisas erradas” e estranhava o tempo letivo integral. Foi com algum esforço que o Perfil conseguiu se formar no ensino médio. A mãe também é contra o ensino superior e não permitiu que ele fosse para a universidade. Ele chegou a fazer um curso à distância, mas devido ao trabalho precisou cancelar.

O Perfil pretende juntar uma quantia em dinheiro para sair de casa.

PERFIL #02 – mulher lésbica, família católica

Esse Perfil cresceu no Mucambo, uma das localidades que foi visitada na pesquisa iconográfica.

Seu relato se foca em como se entendeu como uma garota que gostava de garotas e como algumas convenções de gênero eram impostas pela família.

Por ter crescido em uma localidade rural, gostava de montar cavalos como parte das atividades rurais, ajudar no pastoreio, dentre outras atividades rurais. Também relata

que tinha gosto por cuidar do animal, como banhar e limpar ferraduras. Entretanto, esse tipo de atividade era considerado masculina. Além disso, preferia usar blusas de manga longa e xadrez, às vezes pegando a do irmão.

Foram seus irmãos que primeiro descobriram sua sexualidade. A recepção não foi muito boa, mas foi algo que foi bem contornado. Ela conta que só teve a experiência de namorar outra mulher ao deixar a casa dos pais no interior e ir para outra cidade durante a universidade. Esse afastamento foi necessário tanto para evitar conflitos maiores em forma de autodefesa, quanto para evitar esse assunto com os pais.

Ela participou de vários eventos da igreja, como em coral e fazendo leituras nas missas.

PERFIL #03 – homem gay, família católica, casado

Sua família era católica, mas não era tão fervorosa quanto outras famílias. Ele gostava de participar dos ritos católicos e se tornou professor de crisma por um tempo. Ele comenta que sempre soube que gostava de meninos e que até a adolescência acreditava que iria para o inferno. Também comenta que foi durante a adolescência que percebeu o desprezo nos olhares das pessoas da comunidade na igreja.

Hoje em dia, ele diz que “Se Deus existe, ele não julga uma pessoa por sua sexualidade” e que não se sente julgado por Deus por ser gay. Foi durante a adolescência que descobriu, por conta própria, que Deus não existe como a igreja descreve, nem mesmo a forma humanoide. Quando reza, imagina uma forma de energia etérea solta no universo e faz um pedido para essa energia dar algo em troca. Ao contrário de seu marido, que veio de uma família evangélica, e que não aguenta ouvir falar de Deus.

Uma das coisas que chama atenção no relato é que durante a escola ele escrevia contos eróticos com um grupo de amigos, também LGBTQIA+. Eles usavam esses contos como forma de extravasar seus desejos sexuais que eram reprimidos tanto em casa quanto na comunidade. Os contos eram inspirados nas pessoas do colégio, pessoas essas que eles tinham vontade de beijar ou transar, mas que não podiam por medo da exclusão.

Outra coisa é o fato de ter escolhido ser professor de crisma. Ser professor de crisma, em pequenas comunidades, é um fator voluntário. Embora ele tenha sido

convidado, ele escolheu dar as aulas. Ele comenta que ia para ajudar os alunos e não para ajudar a igreja. Como as aulas de crisma tocam em fatores sociais (é o momento que a igreja católica usa para se aproximar dos jovens e tocar em assuntos como primeiro beijo, sexualidade, aborto, movimentos sociais, dentre outros), ele quis aproveitar para abordar tais assuntos de uma forma mais progressista.

A outra parte do relato que chama atenção é o casamento com seu atual marido.

Esse foi o primeiro casamento gay daquela pequena cidade do interior do Ceará que cresceu ao redor de um santo. Curiosamente, o padroeiro da cidade é São Sebastião, ícone recente acolhido pela comunidade gay. O marido do Perfil#03 convidou a família, que são testemunhas de Jeová, para o casamento, mas eles não foram.

Algo que é forte na Testemunha de Jeová, e que será ressaltado no Perfil#04, é o ostracismo. Se alguma pessoa que fazia parte das Testemunhas de Jeová sai da igreja, ela não pode ser mencionada nem mesmo tocada por algum seguidor da religião, pois enfrenta como punição um ostracismo igual.

No caso do Perfil#03, seu marido nasceu dentro das Testemunhas de Jeová e conseguiu se afastar. Ele enfrentava um problema com a mãe e buscava a aceitação dela, por isso ficou chateado quando ela não foi ao casamento. Contudo, anos depois, buscou um novo contato com ela. A mãe dele aceitou visita-los. Ela é de outra cidade do Ceará, então contou para sua comunidade que iria fazer uma viagem para a serra, mas mentiu para viajar e ver o filho. O medo dela era o de ser descoberta e ser afastada da igreja por ter se aproximado do filho gay. A aproximação, de modo geral, foi positiva. Porém, ela frisou para os dois que a preocupação dela não é que eles fossem infelizes, mas sim que, quando o filho dela morresse, não fosse aceito no céu. De certa forma, é como se ela não pudesse reencontrar o filho no paraíso, na vida eterna, porque ele é gay.

PERFIL #04 – rapaz gay, cresceu em uma família de Testemunhas de Jeová.

Para entender em sua completude os relatos que envolvem Testemunhas de Jeová, é preciso entender que são considerados um grupo já radical dentro da própria vertente evangélica. Dentre as regras para receber os ensinamentos, uma forte é a de não manter amizades com pessoas fora da religião. O motivo dessa regra existir é evitar que a pessoa siga um caminho mundano e dê as costas para a religião.

Quando uma pessoa que viveu como Testemunha de Jeová deixa a religião, todas as conexões são cortadas, da família aos amigos. Como essa pessoa só manteve contato com pessoas dentro do círculo da igreja, as amizades são formadas ali dentro. Quando acontece um desligamento, ou desassociação, esse vínculo é cortado. A pessoa pode ser readmitida na religião se seguir uma série de regras e penitências.

A ideia é a de que essa pessoa que foi cortada da igreja encontre o caminho para Deus sozinha. Se ela sentir falta da igreja, dos amigos, da família, ela é coagida a voltar para igreja e ter a convivência reestabelecida. É um castigo pesado.

O Perfil#04 viveu sua adolescência na Testemunha de Jeová, chegando a realizar o batismo. Parte do seu relato foi explicando como se tornou uma Testemunha de Jeová, sua relação com a família na época em que ele era uma Testemunha, pois nem toda sua família faz parte da religião; e como funciona a igreja.

Algo deve ser ressaltado. Por todo o seu relato, o Perfil#04 chama as Testemunhas de Jeová de seita devido às doutrinas e as punições psicológicas. O corte de laços, para ele, que era jovem e deixou a igreja jovem, foi profundo. Ele conta que saiu perdido, sem rumo e sem alguém para guiá-lo.

Ele descreve que certa vez cruzou com ex-amigos da igreja da rua. Quando esses amigos o viram, eles atravessaram a rua, mudando de calçada, para que não houvesse contato algum com ele. Esse relato me marcou de uma forma tamanha, que a incluí no roteiro do longa-metragem.

Toda a abordagem que lembra uma seita, como os ritos de entrada do batismo, as punições, as doutrinas a serem seguidas e os códigos de vestimentas do vilarejo, levaram em consideração esse relato e outras histórias que envolvem as Testemunhas de Jeová.

Foi através desse relato que parte do personagem Lucas surgiu. No roteiro, Lucas vive sob um ostracismo imposto pela líder do vilarejo. Daniel vive sob a ameaça de um dia viver um ostracismo similar se não seguir as regras do vilarejo.

Assim como o vilarejo do roteiro, os Testemunhas de Jeová também falam de uma nova ordem, ou Paraíso, que somente os que seguem a verdadeira religião alcançam.

O Perfil#04 conseguiu sair das Testemunhas, mas ainda sofre algumas das consequências, como a perda dos contatos, terapia, e até sua forma de falar ainda espelha bastante a fala dos Testemunhas.

Outro aspecto explicado pelo Perfil#04 e que ele caracteriza de seita, é como os Testemunhas de Jeová possuem uma hierarquia. O alto escalão, chamados de Corpo Governante, publicou recentemente um discurso que ele compartilhou na conversa. Parte do discurso dizia que “as pessoas LGBT estão destruindo a Terra”, além de demonizar a sociedade por batizar nomes de planetas com deuses da mitologia romana. O discurso também dizia que “se você acha que os garimpeiros de Roraima e o plástico estão destruindo o planeta, você está enganado, são os gays que tomam conta das séries de TV”.

Ele mostrou o site oficial dos Testemunhas de Jeová. Lá, há uma biblioteca de vídeos que pode ser acessada por qualquer pessoa. Nessa biblioteca, tem uma coleção de vídeos de desenhos animados para crianças. Um deles explica como o casamento homoafetivo, em uma linguagem simples e direta, não é aceito por Jeová. “Se você viajar de avião com algo proibido, o alarme soa e você não pode entrar”, diz o vídeo ao explicar como casais homoafetivos não merecem o Paraíso.

Um dia, ele pretende lançar o livro sobre como foi viver parte da adolescência como Testemunha de Jeová.

OUTROS PERFIS

Deixo outros perfis que tive contato durante a pesquisa, mas que, por conflitos de agenda, não consegui gravar os depoimentos, embora tenha conversado com eles sobre alguns pontos que seriam abordados nas entrevistas, se tivessem ocorrido.

Um deles é uma mulher lésbica e ex-pastora, atualmente é militante dos direitos humanos, em específico de mulheres pretas

Também entrei em contato com um rapaz gay que foi ao seminário, pois queria ser padre, mas desistiu.

Encontrei outro rapaz que queria ser padre, mas esse não chegou a entrar no seminário. Hoje ele se declara homem bissexual.

Houve uma tentativa de conversa com uma senhora, já idosa, sobre o coral da igreja que ela participa desde criança. Algo foi gravado, mas bem pouco. Os rumos da conversa caíram para uma espécie de hipocrisia dos padres e de como funciona um coral na igreja nos aspectos mais estruturais. Porém, devido ao tempo que ela estava disponível, a conversa não rendeu mais do que isso.

O processo de coleta dessas conversas foi uma das partes mais legais de se executar durante a pesquisa. No início, achei que não saberia abordar bem as pessoas e que não conseguiria conduzir bem a conversa. Depois, com o decorrer das conversas e das gravações, percebi que a abordagem foi melhorando.

O CAFEZAL

Por um momento durante o processo de criação para o filme, pensamos que ele poderia abordar outros temas, ser outra história como um todo. Nesses dias em que buscamos outra história, pensamos bastante em algo que mostrasse as contradições de um turismo buscado por uma classe social mais rica em cima de destinos que foram marcados por uma barbaridade colonialista. Ou então, em algo que mostrasse como destoava duas classes sociais em um mesmo lugar. *White Lotus* (2021) foi citada algumas vezes como referência.

Olhando para o Ceará, percebemos que existe uma rota de café montada pelo Sebrae desde 2013 com o objetivo de expandir o turismo na região do Maciço de Baturité. Essa região cobre os municípios de Baturité, Mulungu, Guaramiranga e Pacoti.

Algo curioso é que, durante a etapa de conversas, o Perfil#03 citou um passeio que fez junto com o marido pela Rota Verde do Café. Ele compartilhou conosco a experiência de tomar um “Café Colonial” em um dos sítios.

A equipe se hospedou no Mosteiro dos Jesuítas, em Baturité, que por si só já era um objeto de pesquisa. Nossa viagem durou dois dias, com foco em visitar os sítios de produção de café.

De modo geral, todos os sítios se mostram ao público bem preservados, visto que alguns deles têm mais de cem anos de existência e de plantação. Entretanto, fica claro que eles arrecadam mais dinheiro desde que se tornaram parte da Rota Verde do Café do Sebrae. Não temos detalhes de como cada sítio se tornou parte da rota.

Cada um deles apresenta uma história familiar para o público. Seja o avô de alguém, ou bisavô, que plantava café na região há cerca de cem anos e como essa atividade foi passando de geração em geração até os dias de hoje. Alguns sítios vendiam café para fora, à época. Hoje em dia, como a produção é pequena, é focada em cafés especiais para dentro do Brasil, sendo boa parte consumo local ou apenas para o Ceará.

Os sítios se esforçam para não perder toda a história familiar da produção de café. Alguns contam que os trabalhadores da região são empregados dos sítios e que boa parte da renda advém da produção dos cafés especiais.

O que torna, segundo os sítios, os cafés da região do Maciço de Baturité em cafés especiais é a plantação sombreada. Os cafés são plantados nas serras e as sombras geradas pelas outras árvores dão um sabor e um aroma diferentes para o grão.

No final das pesquisas, como equipe, percebemos que podíamos incluir os sítios de café na trama de “O Lugar”.

A história precisava de algum fator econômico para que os vilarejos existissem. Como já apresentado anteriormente, não parecia viável para o tipo de governo apresentado na história subsidiar os vilarejos sem algo em troca.

A resposta estava no café.

Os cafés especiais chamam atenção no Brasil de hoje. Há certo incentivo para que o público beba esses cafés. Alguns cafés ganham um status *cool*, um tipo de aprovação em redes sociais. Grandes marcas de cafés tradicionais, como Santa Clara e Três Corações, já lançaram uma linha dedicada aos cafés especiais, ainda é um produto *premium*. Quem tem acesso a esses cafés são pessoas com maior poder aquisitivo, o que causa, de cara, uma contradição. Sendo o café uma das bebidas mais consumidas do país, por que nem todos conseguem tomar a linha especial?

Além disso, o Brasil produz e exporta muito café. A bebida é algo que chega fácil à mesa de qualquer brasileiro. Contudo, não é um saber comum como a bebida é produzida.

Por essa fácil identificação, seria simples deduzir que um vilarejo produtor de café para o governo seria uma saída interessante para a história de “O Lugar”. Além disso, durante o período da pesquisa para o filme, casos de trabalhadores em situação análoga

à escravidão em fazendas produtoras de café no Brasil saíram em jornais brasileiros, como Folha de São Paulo e G1. O filme ainda estaria recente. Na trama, quem passa pela terapia de reorientação sexual precisa trabalhar nos cafezais em troca de refeição e um lugar para dormir.

O MOSTEIRO

A equipe se hospedou no mosteiro dos jesuítas na zona rural de Baturité. Nossa parada por lá foi apenas uma hospedagem, mas o fato de se hospedar em um mosteiro já faz parte de uma vivência de pesquisa.

Os jesuítas foram responsáveis pela implementação do catolicismo nos povos originários do Brasil. O mosteiro em Baturité mostra alguns quadros da chegada dos jesuítas na cidade, embora não cite a imposição cultural que eles orquestraram na região.

O mosteiro em si é um lugar tranquilo e funciona como pousada para qualquer pessoa disposta a pagar pela diária. Chegamos junto com uma excursão de idosos e pudemos participar de algumas atividades com a excursão, uma delas de caráter religioso.

O catolicismo, de certa forma, é sedutor ao mesmo tempo que assusta. O mosteiro, como estrutura, se impõe e impressiona. Os salões para eventos e a igreja acoplada ao mosteiro, servem para seduzir os fiéis. Assim que entramos no salão para o momento religioso junto com a excursão, vimos uma estátua de Jesus crucificado com uma iluminação colorida que impressionava.

Figura 5 - Jesus Cristo iluminado no Mosteiro de Baturité



Fonte: autoria própria, 2023

Esse aspecto impressionante e sedutor nos interessa. É dessa forma que os fiéis são atraídos para as igrejas e para os cultos. De fato, os evangélicos não usam imagens de santos, ou algo similar, em seus cultos. No roteiro, optei por deixar uma cruz atrás do altar nos modelos próximos ao Templo de Salomão, em São Paulo, ou as imagens do Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Fortaleza. Ambos, são vertentes evangélicas. O objetivo de impressionar pela imagem é o mesmo. No nosso roteiro, ajuda na ideia de Daniel se sentir observado por Deus a todo o momento.

Outro aspecto importante observado no Mosteiro de Baturité é como a religião cria o sentimento de comunidade entre os fiéis. Durante o momento religioso, entre as falas do padre e as rezas do grupo, havia a presença da música e de canções. Não tinha um coral, então toda a comunidade era convidada a cantar. Assim, todos participavam do momento.

Figura 6 - Momento religioso no Mosteiro de Baturité



Fonte: autoria própria, 2023

A igreja cria comunidades. Integra as pessoas aos ritos. Esse foi um desafio no momento de escrita do roteiro. Como fazer o Daniel se integrar aos ritos se ele tem medo de tudo aquilo? O coral é uma boa ferramenta de fazer com que o personagem se sentisse parte daquela comunidade do vilarejo. E também é pelo coral que ele cria amigos e inimigos. Além de ser através dele que Daniel consegue aliados na hora de escapar do vilarejo. O coral é sua comunidade.

SÍTIO SÃO ROQUE

O primeiro sítio que visitamos foi o São Roque. Ele é um dos que mais se apoia na ideia de uma tradição familiar, batizando os cafés com os nomes do patriarca e da matriarca da família do período em que eles tomavam a frente da produção do café.

Algo que ajuda na ideia de café familiar, é que os nomes dos cafés levam os nomes dos patriarcas da família e o tom e sabor desses cafés mudam de acordo com a personalidade dos patriarcas. O café é vendido para uma cafeteria em Fortaleza.

Nesse sítio, é servido o café colonial. A ideia, segundo o sítio, é servir um café completo, com comidas típicas como bolo e cuscuz, com talheres coloniais. Particularmente, vejo que o nome “colonial” não seria adequado porque faz reviver esse período, imaginando ainda que estamos nos referindo a fazendas de café.

No sítio, nos é apresentado uma história de como o café era produzido décadas atrás, comparado com hoje em dia. Algo em específico me chamou atenção. Antes, cada empregado da fazenda recebia um vale com cores diferentes que funcionava como “dinheiro”. Esses vales podiam ser trocados por alimento no comércio local ou por cédulas de dinheiro mesmo. O pagamento não era direto. E continua não sendo. Eles decidiram manter esse costume de pagar através dos vales e depois substituir pelo dinheiro. Isso eu procurei incorporar no vilarejo de “O Lugar”.

No vilarejo do roteiro, esses vales servem como um incentivo para que eles trabalhem e produzam esse café para as “pessoas do Paraíso”. Eles não tomam esse café e só tomariam se fossem selecionados para o Paraíso.

SÍTIO UCHÔA

Esse sítio é comandado pelo Coronel Uchôa e também tem um tom familiar, embora menos se comparado com São Roque.

Nesse sítio, visitamos a plantação de café subindo alguns metros da serra. Fizemos uma trilha longa, tocamos no próprio fruto do café, conhecemos estufas e os moedores de café. No roteiro, tentei incluir o moedor ou outros elementos, mas foi uma ideia descartada. Entretanto, usamos os depósitos e sacas de café. Não é um depósito como o que vimos no sítio, mas é similar dentro de um celeiro.

Os cafés do sítio Uchôa são os mais caros do percurso da Rota Verde do Café.

A figura do coronel é curiosa. Ele, de fato, é um militar aposentado com a patente de “coronel”. Fico me perguntando a força que tem essa patente no imaginário popular, em específico cearense. A palavra “coronel” tem um teor de liderança. Para o roteiro, à

priori, não parecia caber alguém com uma patente militar. Usamos a personagem “Ester” mais como uma figura de liderança religiosa, similar a que encontrei nas conversas no coral da igreja.

SÍTIO SÃO LUIS

O São Luís não tem uma plantação de café aberta ao público. O sítio é um casarão onde os visitantes podem entrar e conhecer o lugar. Lá, funciona como um restaurante/lanchonete e podemos tomar os cafés que são produzidos pelo sítio, mas que não são plantados por lá.

Esse sítio funciona como uma espécie de finalização da Rota Verde do Café. Quando o visitante passa por todos os outros da rota, para no São Luís e toma um café da tarde.

O que chamou a atenção da equipe foram os povoados ao redor. No começo, ao pensar as primeiras imagens de onde seria o vilarejo de “O Lugar”, ainda pensava muito no interior mais sertanejo. Vendo as vilas próximas ao Sítio São Luís, encontrei outras possibilidades de organização geográfica e, também, de um ponto de vista estético.

A paisagem serrana, as casas coloridas, o verde do matagal que é diferente de um verde de um interior mais próximo da zona litorânea. É quase um outro Ceará, um outro vilarejo. Acredito que caiba mais dentro da estética proposta pelo filme.

Figura 7 - Matagal ao redor do sítio



Fonte: autoria própria, 2023

Além disso, é uma zona com cachoeiras, o que entrou na história sob a forma de um rio com uma área de pedras e com uma caverna.

A paisagem próxima ao Sítio São Luís foi maior inspiração do ponto de vista imagético.

4. ESCRITA DO ROTEIRO

ARGUMENTO E ESCALETA

A escrita do argumento e da escaleta foram as etapas nas quais mais precisei me dedicar e aprender uma linguagem cinematográfica. Em ambas, eu ficava preso ao que personagens diziam, um para o outro, usando a construção “ele disse/ela disse” em vez de transformar tudo em ação.

Foram etapas onde procurei muitos exemplos disponíveis online para ler. Consegui ler os argumentos de *O Iluminado* e *Alien*. Ambos são argumentos enormes que preveem um detalhamento maior. Outros argumentos para estudo foram *Sr e Sra Smith* e de *Chinatown*, menores e mais dinâmicos.

De modo geral, precisei estudar um modelo de escrita para argumentos e escaletas. Percebi que só enxergo as cenas diretamente na ação ao abrir a cena no roteiro. Inclusive, reduzindo os números de cenas da escaleta para o roteiro.

Ao escrever a escaleta, passei por um processo similar. O problema era a falta de especificar melhor as ações. Exemplo abaixo:

Figura 8 - Print da escaleta

45. EXT. RIO - DIA

Lucas chama Daniel para entrar na água. Daniel não quer. Lucas insiste e o ajuda a entrar na água devagar. Lucas tira a camisa e a calça. Daniel vê uma marca de queimadura nas costas de Lucas, mas Lucas não sabe explicar o que é. Daniel vai para uma pedra e olha para o céu. Ele questiona se não pode ter uma vida boa ali; "o que eu era antes, não importa".

Lucas se senta ao seu lado. Eles conversam sobre como a água do rio sempre leva a algum lugar. Lucas diz que há uma lenda que uma vez uma pessoa nadou até o fim do rio e encontrou as muralhas de Jericó.

"Não há Paraíso", diz Lucas.

Fonte: autoria própria, 2023

Essa cena, atualmente, não existe. Foi criada durante um teste sobre haver um personagem com tatuagem, que começou com Rita, passou por Mateus e terminou em Lucas. A linguagem prevê uma longa conversa, com foco no que os personagens dizem. Com o decorrer da escrita das escaletas, acredito que fui reduzindo esse tipo de linguagem.

O processo de escrita de "O Lugar" só se tornou mais rápido e produtivo quando trocamos, eu e orientador, a escrita de uma escaleta detalhada para uma espécie de "escaleta de uma página" focada em beats e/ou pequenas descrições. Ficou mais fácil visualizar o todo do filme. Além disso, ao abrir as cenas pensando apenas no coração, no foco ponto chave, ficava mais fácil mover com o personagem e pensar suas ações.

Exemplo abaixo para a sequência C.

Figura 9 - Print da beatsheet

SEQ C (Seg / Ter)

Drive: Daniel não quer ser morto pelo atirador

- 1 Mateus revela a Daniel que ele vai morrer por ter tentado fugir (em quatro dias)
- 2 Daniel reforça a Rita que ele não disse nada sobre ter visto o beijo. Foi Deus. Ele vê tudo. Revela que Bárbara o pediu em casamento.
- 3 Daniel pede a Ester para ficar no vilarejo “o batismo pode não ser o suficiente para expurgar o pecado que ele cometeu”. O amor surge na convivência.
- 4 Batismo > Isso zerou meus pecados? Daniel vê o mascarado na margem
- 5 Trabalho lacônico. Ele evita as aproximações de Lucas, que quer saber sobre a fuga, pois Deus tudo ouve. Ele fala sobre a luz que viu na fuga: uma intervenção divina que o fez ficar.

Fonte: autoria própria, 2023

Usando a beatsheet como guia, os personagens se desdobravam com melhor facilidade com as cenas abertas.

Nas pesquisas para a escrita do roteiro em si, não consegui encontrar fontes de beats confiáveis com a mesma facilidade que encontrei as escaletas e os argumentos.

O ROTEIRO

Para a escrita, usei o padrão de formatação *master scenes* ensinado em *The Hollywood Standard*.

Algumas mudanças narrativas detalhadas aqui foram observadas nas etapas de argumento e escaleta. Agrupei-as para uma melhor organização lógica do documento.

Após as pesquisas, foi o momento de testar algumas ideias e tramas dentro da história em si.

Nesse ponto, tinha fechado como parte da história:

- 1) As pessoas do vilarejo querem ir para o Paraíso

- 2) Daniel, como personagem, quer ficar vivo
- 3) O vilarejo seria um local de reorientação sexual organizado por um governo teocrático
- 4) O café seria inserido como fator econômico do lugar.
- 5) Invariavelmente, no midpoint Daniel precisava encontrar as câmeras de vigilância

Daniel, como personagem, mudou bastante. O mais simples foi definir “o que ele quer?”. Esse ponto, em relação ao Daniel, sempre foi o mais fácil a definir: ele quer sair de lá. Ponto. Ao menos na ideia inicial era isso, antes de conhecer melhor o personagem e o papel dele dentro da trama.

O problema de Daniel era como fazer esse “querer fugir” durar pela história. Se o conflito é impedir que o personagem alcance aquilo que ele quer, as maneiras encontradas para impedir que Daniel fugissem logo no primeiro dia no vilarejo foram os maiores desafios dessa fase. Pensando que ele não lembra de nada, por que iria fugir? A resposta era ao presenciar um assassinato. Ele ver que sua vida ali está em risco.

Nesse momento, no argumento e na escaleta, pensava na pergunta dramática: Daniel vai conseguir fugir do vilarejo?

Então, o desafio dessa primeira sequência do roteiro, cerca de quinze páginas, era apresentar o vilarejo como algo que soasse como uma espécie de purgatório. Ao mesmo tempo que o Daniel sentia o lugar, o público estaria na pele do personagem, pois também não saberia quem ele é (pois nem Daniel sabe), onde está e quem são aquelas pessoas. A chave era usar de códigos já conhecidos do público para passar uma ideia de céu: roupas brancas e uniformizadas, acordar em um campo, pessoas sorridentes, um coral. Era manter a dúvida: Daniel está morto ou vivo?

A sequência termina quando Daniel descobre que as pessoas são selecionadas para ir ao Paraíso.

Quando passei para a sequência B, o desafio era apresentar o vilarejo como algo perigoso e impossível de sair. Essa etapa sofreu poucas modificações.

Daniel precisava conhecer Lucas e o mistério que o envolvia. Isso saiu da sequência B para a sequência A por uma questão lógica: sendo Lucas um dos protagonistas, melhor apresentar na primeira sequência.

Havia uma ideia de terminar o primeiro ato com a aparição do Atirador/Mascarado. Uma aparição violenta que retirava um personagem importante de cena seria motivo suficiente para fazer com que Daniel temesse por sua vida e tentasse fugir.

A sequência seguinte seria uma fuga do vilarejo. Era preciso mostrar ao mesmo tempo que o personagem tentava fugir, mas que uma fuga sozinho seria impossível. Em todas as quatro versões de escaleta, Daniel armava um plano de fuga e, só depois, pegava a estrada longa. Pouco antes de abrir a cena, vimos que o plano de fuga poderia ocupar todo um período de tempo e que era um beat parecido com um beat futuro. Portanto, uma possível sequência se tornou o fim da Sequência B.

Nessa estrutura, o Ato Um acaba quando Daniel tenta fugir e acorda, outra vez, em uma sequência-espelho da abertura, na pousada e ouvindo o coral. Assim, é como se toda uma história fosse contada e girasse em círculo. Para Daniel, soaria como ficar preso em um limbo.

Por causa dessa visão da estrutura, o que Daniel quer, como um todo, também mudou. Daniel é um personagem egoísta. Mesmo que ele aja como um bom moço e mesmo que seja medroso, todas as suas ações são tomadas por temer a morte. Seja ali, seja no Paraíso, ou fora dali: Daniel quer ficar vivo.

Isso fica mais óbvio quando os personagens dizem a ele que “em poucos dias você será punido com a morte”. Então, nas sequências C e D, ele tenta fazer parte dos costumes e ritos do povoado para não morrer. Ele quer ficar vivo, logo ele se batiza, logo ele trabalha, logo ele se casa.

Até essa virada do primeiro para o segundo ato, o roteiro se encontrava bem estruturado.

Problemas surgiram a partir do segundo ato.

Um dos desafios da história era se seria um drama ou um suspense, fora o supragênero da Ficção Científica. No fim, convencionou-se um híbrido. O drama com

suspense é bem comum no cinema atual, inclusive o brasileiro. Porém, havia uma preocupação em como dosar o drama, como tratar a trama de maturação e como falar dos personagens redescobrimdo os prazeres que lhes foram tirados.

Outra proposta do filme era se aproximar de algum erotismo. Como o vilarejo, como instituição governamental, buscava algo similar à castração e pregava o sexo como forma de procriação, seria interessante trabalhar esses personagens com certo tesão aflorado.

Essas cenas foram espalhadas por todo o Ato 2A, até o midpoint. Nas trinta páginas que compõem esse ato, Mateus, personagem pensado como inimigo de Daniel, tornou-se um aliado. Do ponto de vista do enredo, se torna interessante ver essa raiva como um amor não correspondido. Porém, foi algo trabalhado ao abrir as cenas, não previsto nas escaletas anteriores.

A forma como Daniel descobre as câmeras de vigilância foi debatida várias vezes. Por fim, definiu-se que seria uma consequência da cena de masturbação, para que tal cena não se tornasse gratuita no meio da história. De início, pensei que caberia bem no enredo uma cena de masturbação como ápice dos desejos de Daniel. Entretanto, para não ficar gratuito no filme, ateí essa cena ao midpoint, sendo também um midpoint dos conflitos internos de Daniel. Assim, a relação causa e consequência do midpoint pode ser definida dessa forma:

- Daniel vê Lucas tomando banho > se masturba > é visto por Mateus > quebra o rádio > Ester passa a desconfiar de Daniel > Mateus protege Daniel de Ester

O ato de defesa de Mateus mostra que ele gosta de Daniel e reverbera no começo do Ato 3, quando Daniel pede para Mateus manter a porta da igreja aberta. Se Mateus já foi capaz de se arriscar por Daniel uma vez, poderia fazer outra vez, por isso Daniel confia nele.

Quando descobrimos que o vilarejo é vigiado por câmeras, a virada simboliza uma “morte de Deus”. Para Daniel, se Deus não existe, então o inimigo é apenas humano. É mais fácil humano enfrentar um humano do que Deus.

O Ato 2B é um ato de plano de fuga.

O personagem precisava de um plano para fugir. Agora que o rádio estava quebrado e Ester podia querer que ele morresse para guardar o segredo, o casamento não fazia mais sentido. Ademais, com o elemento sobrenatural extirpado da narrativa, sobra as relações entre os personagens.

O motivador do personagem muda outra vez. Ele ainda quer ficar vivo. Esse é seu desejo primordial. A forma como seria concretizado é o que muda. Até então, ele obedecia às regras do vilarejo; agora é buscando a fuga. Ficar no vilarejo é o que mataria.

Algo discutido nas orientações é qual seria a cena ex-libris do filme. A cena ex-libris seria definida como a cena que resume aquilo que o filme pretende passar. No caso de “O Lugar”, a cena ex-libris seria quando Daniel e Lucas transam na caverna. É nela que os personagens se entregam e quebram todas as regras impostas pelo vilarejo, mesmo as regras não-ditas.

Uma pergunta lançada a Daniel é se ele sabe o que é o amor. Nem nadar ele sabia até conhecer Lucas. Por isso o rio se torna um personagem para os dois. Daniel sabe nadar, mas só nada com Lucas. O fato do “redescobrir o amor” atravessa os personagens como parte da trama de maturação de Daniel.

Na cena da caverna, mais do que na cena do rio, os dois estão com o status de intocáveis e sofrem ostracismo pelos moradores do vilarejo. Se eles não podem tocar ninguém, eles podem se tocar. Muito relutei com a existência dessa cena como final do Ato 2, mas acredito que é o local adequado visto as temáticas levantadas pelo filme até então.

Outro momento de discussão na escrita do roteiro é a dosagem do diálogo. Se colocava mais prosódia ou menos prosódia. Diálogos foi um ponto fraco para mim. Nas orientações, a dica era “alguém sempre quer alguma coisa em um diálogo”. Às vezes, deixava o diálogo rolar e cair em algo mais metafórico. Era uma pequena busca por um diálogo mais poético que talvez não coubesse na história ou, se coubesse, eu não estava conseguindo alcançar.

O Ato 3 parecia ser mais complicado do que realmente foi. O plano da fuga precisava acontecer com ajuda de mais pessoas. Algo que foi decidido é que não seria legal deixar os outros moradores do vilarejo sem saber onde estavam. Daniel não deveria

surgir como um salvador de todos, mas seria importante ele dar a chance de algum querer se salvar no futuro.

Algo que foi decidido, embora em uma futura releitura do roteiro possa sofrer alguma modificação, é que a forma como Daniel vai revelar a verdade para todo o vilarejo é quebrando o rádio da igreja na frente de todos. Com todo o vilarejo sabendo que estão sendo vigiados e que não há um Deus que a todos observa, os moradores ganham uma chance de escapar daquele lugar, ou de escolher ficar.

Daniel não tinha como salvar a todos e talvez nem pensasse assim, visto sua natureza de autoproteção o fazer ser mais egoísta do que deveria. Essa seria sua falha fatal, que é aludida na primeira metade do longa quando se deixa perder sua identidade para se tornar um morador fiel do vilarejo.

A sequência final de “O Lugar” abre com uma perseguição na mata. Essa última sequência também revela algumas pistas do passado de alguns personagens, como o Mateus se revelando um ex-militar e uma dica sobre o passado de Lucas e seus pais como mineradores de rubi. São algumas respostas para o público.

Após a perseguição da mata e a fuga dos personagens, eles encontram um acampamento onde são acolhidos pela líder local.

Uma preocupação era evitar um final *Psicose* em que todos os segredos são contados de uma forma bem expositiva. Não foi possível escapar totalmente da exposição, mas acredito que colocar alguns personagens para quebrar tal sequência expositiva com comentários e perguntas tenha surtido algum efeito. Além disso, nem tudo foi explicado deixando a critério de quem acompanhou o filme.

Uma preocupação para o final é que ele deveria ser positivo, no máximo amargo. A escolha por salvar mais pessoas além do protagonista e não virar um slasher, foi feita para dar um tom mais feliz para o futuro dos personagens. Quando eles saíssem do vilarejo, iriam se deparar com um Brasil que não quer que eles vivam, pelo menos não como eles sendo eles. Então, o roteiro escolhe dar a eles o mínimo: uma chance de viver. É uma escolha que se aproxima do final de Bacurau. Todos escapam e enfrentam o perigo. No fim, sobra apenas eles e a comunidade. Sobra uma chance de viver.

No final, o acampamento fica aberto para quem quiser morar ali, mas dando a chance de, se alguém quiser, como demonstra Mateus, ir embora.

De imagem final, Daniel sorri.

5. CONCLUSÃO

O processo, contando da pesquisa até a escrita final do primeiro-tratamento do roteiro, durou quase um ano. Foi uma jornada de várias primeiras-vezes: a primeira pesquisa, primeiras conversas que fiz como uma entrevista, primeira pesquisa de imagem, primeiro roteiro de longa.

Das coisas que percebi que posso melhorar para um próximo longa são:

Na pesquisa, a forma de se aproximar das pessoas e gravar todas as conversas. A aproximação pode ser mais lenta e com mais tempo. O uso do celular como gravador deixava o entrevistado mais à vontade. Algumas entrevistas realizei pelo Google Meet. Não foi uma boa experiência como as pessoalmente. Com o passar do tempo, percebi que após a pesquisa iconográfica posso criar um moodboard com essas fotos. Não fiz para “O Lugar”, mas facilitaria na hora da escrita ter uma imagem mais fixa do vilarejo em si.

Nas escritas do argumento e da escaleta, é preciso melhorar a linguagem para deixa-la com mais ação e menos diálogo.

Após uma releitura do roteiro, sinto que ele tem uma estrutura boa e um ritmo agradável. Falando de métricas, as viradas acontecem a cada quinze páginas, aproximadamente. O roteiro busca seguir o padrão clássico enquanto tenta alguns respiros ao hibridizar um mistério com uma jornada pessoal de autodescoberta.

O Terceiro Ato será o mais retrabalhado nos próximos tratamentos, principalmente as questões com a fuga de Daniel com as pessoas da pousada. Outro ponto que ainda incomoda é toda a explicação no final e se ela quebra ou não o ritmo que estamos acompanhando até então.

Outras questões para trabalhar nos próximos tratamentos é o teor homoerótico. Para mais ou para menos. Algumas cenas ainda não funcionam com todo o potencial, como os exercícios que Daniel faz com Mateus. É algo a pensar essa narrativa do erótico como uma válvula de escape para o vilarejo repressivo onde eles estão inseridos. É

importante que esses momentos não soem embaraçosos para quem está assistindo, nem caiam no ridículo.

Ademais, uma releitura para construir o segundo tratamento servirá para pensar alguns dos diálogos. Penso em procurar a poesia do diálogo de forma que não deixe o filme estranho, piegas e fora do tom.

Pretendo trabalhar nos pontos que ainda estão fracos no roteiro e não deixar o projeto de lado. Tem um coração na história que pulsa bastante e pode pulsar melhor retrabalhando no projeto como um todo. Talvez abrir uma nova pesquisa ou até mesmo testar novos caminhos para a história.

Contudo, toda a jornada da escrita do roteiro, de janeiro até dezembro, foi cativante e o produto final já me deixa como Daniel no final de seu filme.

REFERÊNCIAS

Biblioteca de Vídeos On-line | Vídeos JW.ORG Português. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/videos/#pt/mediaitems/BJF/pubpk_22_VIDEO>.

Acesso em: 3 dez. 2023.

CROUCH, B. **Pines**. 1. ed. [s.l.] Planeta, 2015.

Ficha técnica completa - Sozinhos - 8 de Fevereiro de 2017 | Filmow. Disponível em: <<https://filmow.com/sozinhos-t218259/ficha-tecnica/>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

GULINO, P. **Screenwriting : the sequence approach**. New York Etc.: Bloomsbury, 2016.

McKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros**. tradução: Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2017.

PEREIRA, E. **Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 76, p. 147–173, 25 abr. 2023.

RILEY, C. **The Hollywood standard: the complete and authoritative guide to script format and style**. Studio City, Ca: Michael Wiese Productions, 2021.

SNYDER, B. **Save the cat!: the last book on screenwriting you'll ever need**. Studio City, Ca: Michael Wiese Productions, 2005.